



DACEC Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 29/05/2020 a 04/06/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
29/05/2020	8,40	283,20	27,38	5,20	3,25
01/06/2020	8,40	283,10	27,60	5,15	3,23
02/06/2020	8,50	283,70	27,94	5,08	3,24
03/06/2020	8,57	286,30	27,86	5,12	3,24
04/06/2020	8,67	289,80	27,82	5,23	3,29
Média	8,51	285,22	27,72	5,16	3,25

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	102,50	ND
RS - Santa Rosa	102,00	ND
RS - Ijuí	102,00	ND
PR - Cascavel	98,00	ND
MT - Rondonópolis	95,00	ND
MS - Ponta Porã	92,00	ND
GO - Rio Verde (CIF)	97,00	ND
BA - Barreiras (CIF)	91,50	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	144,00	ND
Paraguai (FOB)**	103,50	ND
Paraguai (CIF)**	152,50	ND
RS - Erechim	48,00	ND
SC - Chapecó	45,00	ND
PR - Cascavel	43,00	ND
PR - Maringá	45,00	ND
MT - Rondonópolis	33,00	ND
MS - Dourados	38,00	ND
SP - Mogiana	47,00	ND
SP - Campinas (CIF)	48,50	ND
GO - Goiânia	40,00	ND
MG - Uberlândia	45,50	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	1.100,00	ND
RS - Santa Rosa	1.100,00	ND
PR - Maringá	1.300,00	ND
PR - Cascavel	1.250,00	ND

Período: 03/06/2020

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 04/06/2020

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	43,12	97,36	51,80

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 04/06/2020

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	61,45
Feijão (saco 60 Kg)	200,94
Sorgo (saco 60 Kg)	36,20
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,13
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,35**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,67

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Maio/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago subiram bem nesta primeira semana de junho. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (04) em US\$ 8,67/bushel, contra US\$ 8,47 uma semana antes. A média de maio ficou em US\$ 8,42, contra US\$ 8,43/bushel em abril. Lembrando que em maio de 2019 a média havia sido de US\$ 8,30/bushel. A cotação deste dia 04/06 foi a mais elevada desde o último dia de março passado.

Apesar da instabilidade política entre EUA e China, a qual ameaça comprometer os acordos comerciais entre os dois países, o mercado não cedeu nesta semana. Os fatores altistas foram mais importantes aos olhos dos operadores em Chicago, pelo menos por enquanto.

Neste contexto, chamou a atenção este movimento de sustentação das cotações porque noticiou-se que o governo chinês teria instruído empresas estatais chinesas a parar de comprar grãos de soja e carne suína dos EUA, em retaliação a uma decisão de Donald Trump de encerrar o status especial de Hong Kong, que lhe permite avançar como um centro de comércio e finanças mundial. Entretanto, esta informação foi rapidamente desmentida pelo governo chinês.

Por sua vez, nem mesmo a redução nas exportações líquidas semanais de soja exerceram pressão baixista. De fato tais exportações registraram um volume de 644.300 toneladas na semana encerrada em 21/05, representando um recuo de 29% sobre a média das quatro semanas anteriores. Todavia, a China voltou a liderar as compras, chegando a 192.400 toneladas na semana, fato que confortou o mercado. Para o ano de 2020/21 mais 203.000 toneladas foram exportadas. Com isso o somatório dos dois anos ficou dentro do esperado pelo mercado. Já as inspeções de exportação de soja, por parte dos EUA, chegaram a 396.387 toneladas, na semana encerrada em 28/05, ficando abaixo do esperado pelo mercado.

Ao mesmo tempo, o plantio da soja nos EUA, apesar de ter atingido a 75% da área esperada em 31/05, foi considerado lento pelo mercado, que esperava 79% da área. Mesmo assim, tal plantio está acima da média histórica, que registra 68% semeado até o final de maio.

O quadro mais favorável às cotações no final da semana veio igualmente com a elevação nos preços do petróleo e o recuo no valor do dólar, fato este que deixa a soja estadunidense mais competitiva no cenário internacional.

Enfim, o mercado está apostando em uma retomada, mesmo que lenta, da economia mundial após o auge da pandemia do coronavírus Covid-19. Esse processo já começou na China e na Europa, assim como lentamente nos EUA.

Vale ainda destacar que no próximo dia 11/06 o USDA divulgará seu relatório de oferta e demanda mensal, atualizando as projeções da nova safra estadunidense e mundial, ano 2020/21.

Por sua vez, a colheita de soja na Argentina, até o dia 28/05, atingia a 95% da área semeada, contra 88% na mesma época do ano passado.

Aqui no Brasil, os preços recuaram fortemente na esteira de uma significativa revalorização do Real. A moeda nacional chegou a bater em R\$ 5,06 durante a semana, se aproximando do rompimento com o piso dos R\$ 5,00. Com isso, o saco de soja no balcão gaúcho recuou para R\$ 97,36 na média semanal, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 102,00 e R\$ 102,50/saco. Em relação ao balcão, o preço gaúcho recuou R\$ 1,59/saco em comparação à semana anterior, lembrando que duas semanas atrás o balcão gaúcho registrou preço médio de R\$ 101,53/saco. Nas demais praças nacionais os lotes registraram os seguintes valores médios, no final desta primeira semana de junho: R\$ 98,50/saco no norte e centro do Paraná; R\$ 89,00 em Sorriso e Sinop (MT); R\$ 88,00 em São Gabriel (MS); R\$ 95,00 em Goiatuba (GO); R\$ 105,00 em Campos Novos (SC); R\$ 91,00 em Pedro Afonso (TO); e R\$ 93,00/saco em Uruçuí (PI).

Os prêmios melhoraram bastante, se fixando entre US\$ 0,88 e US\$ 1,40/bushel no final desta primeira semana de junho, já refletindo aspectos externos, como a possibilidade de a China voltar a comprar com mais interesse a soja brasileira, assim como a entressafra nacional na medida em que as exportações estão bem mais avançadas neste ano do que no ano passado. Esta alta nos prêmios compensou parcialmente a revalorização do Real na formação do preço final ao produtor brasileiro.

As exportações brasileiras de grãos de soja, nos cinco primeiros meses do ano, fecharam em 49,2 milhões de toneladas, representando 63% do total esperado para todo o ano. No mesmo período do ano passado as vendas externas atingiam a 35,2 milhões de toneladas. Portanto, o país já exportou 14 milhões de toneladas a mais neste ano em relação ao ano passado. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago trabalharam em leve alta nesta primeira semana de junho, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (04) em US\$ 3,29/bushel, contra US\$ 3,27 uma semana antes. A média de maio ficou em US\$ 3,18, contra US\$ 3,20/bushel em abril. Um ano antes, em maio de 2019, a média do bushel de milho havia sido de US\$ 3,79.

No mercado internacional as atenções se voltam para o clima nos EUA, especialmente no Meio Oeste onde está o forte da produção de verão. Neste momento estamos em pleno “mercado do clima” naquele país. E este acompanhamento irá até agosto, quando, no final daquele mês inicia-se a colheita. Por enquanto, o clima está normal nos EUA, indicando uma safra recorde. Todavia, chamou a atenção do mercado o fato de que até o dia 31/05 o plantio ter chegado a apenas 93% da área quando se esperava um encerramento do mesmo. Em sendo assim, começa a se especular que a área do cereal pode não ficar na estimada em março passado. Ora, em havendo redução de área plantada, o volume produzido tende a diminuir. Ao mesmo tempo, esta área poderá se deslocar para a soja, forçando novas baixas nas cotações futuras da oleaginosa. Neste sentido, torna-se importante o relatório de oferta e demanda previsto para este próximo dia 11/06 nos EUA.

Vale ainda salientar que as condições das lavouras de milho no país norte-americano melhoraram nesta última semana, sendo que as lavouras entre boas a excelentes passaram de 70% para 74% do total, apontando para uma produtividade recorde se assim continuar.

Outro ponto positivo no mercado veio do aumento na produção diária de etanol, na medida em que a economia dos EUA retoma fôlego, passado o auge da pandemia da Covid-19. Com isso, o consumo interno de milho aumenta, pois este etanol é feito do cereal.

Contrabalançando este lado positivo, as exportações de milho por parte dos EUA, na semana anterior, foram baixas, chegando a apenas 427.000 toneladas, em um momento em que as mesmas deveriam estar entre um e dois milhões de toneladas semanais. Depois disso, a forte desvalorização do dólar perante as principais moedas mundiais puxou estas exportações, levando-as para 1,1 milhão de toneladas na última semana, aliviando um pouco a pressão baixista. (cf. Safras & Mercado)

Assim, mesmo diante de uma possibilidade de safra recorde, os EUA poderão aumentar suas exportações de milho caso o dólar se mantenha em patamares mais baixos. Isto dá competitividade aos produtos exportados pelos estadunidenses. Mas há um grande problema pela frente para que ocorram novas altas de preço: os elevados estoques atuais de milho naquele país, assim como a projeção futura destes estoques, a partir de uma safra que poderá ultrapassar as 400 milhões de toneladas no final do ano.

Desta forma, em esta safra se confirmando, é factível imaginar cotações em Chicago abaixo de US\$ 3,00/bushel a partir de novembro. Principalmente porque as exportações da Argentina, Brasil e Ucrânia crescerão neste segundo semestre, fazendo forte concorrência ao produto norte-americano.

Assim, apesar de algumas notícias altistas importantes, o mercado ainda reluta em reagir, pois os fatores baixistas continuam muito presentes e com fortes possibilidades de se confirmarem no transcorrer destes próximos meses. Neste sentido, muito irá depender do clima nos EUA até a colheita do milho em fins de agosto e, particularmente, em setembro.

Na Argentina, a tonelada FOB de milho fechou a semana na média de US\$ 144,00, enquanto no Paraguai a mesma ficou em US\$ 103,50.

E no Brasil os preços continuam com viés de baixa na medida em que a colheita da safrinha se aproxima, mesmo com quebras identificadas em São Paulo especialmente. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 43,12/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 46,50 e R\$ 48,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 29,00 em Sinop (MT) e R\$ 49,00/saco em Itanhandu (MG), passando por R\$ 47,00 em Concórdia (SC) e na Mogiana paulista.

A partir de agora o mercado se concentra cada vez mais no clima sobre as regiões da safrinha e no câmbio. No primeiro caso porque as lavouras se encaminham para o final, com a colheita devendo começar no final deste mês de junho em algumas regiões e já há problemas em determinadas áreas. No segundo caso, porque diante da

revalorização do Real as exportações perdem fôlego e os preços no porto diminuem, puxando para baixo os preços internos nas regiões produtoras.

Dito isso, há bastante interesse de exportação para o milho safrinha em julho e agosto, fato que deixa o mercado também atento ao ritmo das mesmas, o qual tende a crescer a partir de agora. Neste sentido, existiriam nomeações para exportação, em junho, ao redor de 600.000 toneladas neste momento.

Por enquanto, para o início de julho o porto de Santos estaria trabalhando com R\$ 47,00/saco, o que sugere preços entre R\$ 44,00 e R\$ 45,00/saco no CIF Campinas e ao redor de R\$ 38,00/saco na região produtora paulista. A questão é verificar se os produtores locais irão vender seu milho a tal preço.

De forma geral, a semana termina com a safrinha no Paraná tendo ofertas entre R\$ 41,00 e R\$ 43,00/saco no interior do Estado, enquanto no Mato Grosso do Sul o valor é de R\$ 38,00 a R\$ 40,00. Todavia, os compradores oferecem preços bem mais baixos. No norte do Paraná, por exemplo, para ferrovia os preços ficam em R\$ 38,00 para agosto. No Mato Grosso surgem algumas ofertas entre R\$ 32,00 e R\$ 33,00 ao longo da BR 163, porém, as tradings mostram interesse de compra, para julho e agosto, com preços abaixo de R\$ 30,00/saco. Em Goiás, ofertas entre R\$ 37,00 e R\$ 38,00, porém, exportadores indicando valores entre R\$ 33,50 e R\$ 34,50/saco para embarques após agosto. Em Minas Gerais, safrinha cotada a R\$ 36,00/saco no lado dos compradores, para o mês de agosto, enquanto as ofertas ficam ao redor de R\$ 40,00.

O mês de maio terminou com o Mato Grosso registrando 1% da área da safrinha colhida, enquanto o Centro-Sul brasileiro ficava dentro da média histórica de 0,4% da área colhida. (cf. Safras & Mercado)

Assim, o clima neste mês de junho, o câmbio e o ritmo das exportações ditarão o comportamento dos preços do milho no Brasil daqui em diante. Por enquanto, o viés de baixa, como visto, se mantém e tende a se acentuar nas próximas semanas caso a colheita da safrinha venha normal.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, após um período de estabilidade durante a semana, fecharam a mesma em alta, atingindo, para o primeiro mês cotado, US\$ 5,23/bushel na quinta-feira (04), contra US\$ 5,14 uma semana antes. A média do mês de maio ficou em US\$ 5,15/bushel, contra US\$ 5,41 em abril. Já em maio de 2019 a média do bushel de trigo ficou em US\$ 4,57.

Nesta semana o mercado foi, inicialmente, motivado pelo clima quente e seco no Meio Oeste dos EUA, fato que poderia prejudicar as lavouras do cereal. Ao mesmo tempo, o enfraquecimento do dólar deu mais competitividade às exportações estadunidenses. Também deram sustentação às cotações projeções de menores produções de trigo na Europa, o que ainda precisa ser confirmado, pois há muita contradição entre elas.

Por sua vez, as vendas líquidas de trigo estadunidense, para o ano comercial 2019/20, que se encerrou em 31/05, ficaram em 209.800 toneladas na semana encerrada em

21/05, recuando 23% em relação a média das quatro semanas anteriores. Já para o ano 2020/21, iniciado neste 1º de junho, as vendas chegaram a 496.500 toneladas. A soma dos dois volume anuais superou o esperado pelo mercado. Já as inspeções de exportação somaram 499.353 tonelada na semana encerrada em 28/05.

Entretanto, as cotações recuaram posteriormente com notícias de que houve forte começo de colheita no Texas e em parte de Oklahoma. Até o dia 31/05 a colheita do trigo de inverno nos EUA atingia a 3% da área semeada, contra 2% na média histórica para esta data.

Na Argentina, a tonelada FOB oficial baixou para US\$ 241,00. Diante da forte revalorização do Real o produto argentino chega aos moinhos paulistas mais barato, batendo em R\$ 1.415,00, enquanto em Curitiba ficou em R\$ 1.325,00. Ainda assim deixando espaço para alguma alta nos preços internos do cereal. Para novembro o produto argentino ficou em US\$ 209,00/tonelada, enquanto para janeiro atingiu a US\$ 216,00. (cf. Safras & Mercado)

E no Brasil, os preços mantêm-se estáveis, com tendência logo adiante de recuo caso a safra de inverno local venha a ser positiva. Todavia, por enquanto isso deve ainda demorar um pouco porque haverá atraso na colheita, particularmente no Rio Grande do Sul, devido ao retardamento do plantio, que ainda ocorre, em função do clima seco que durou até o início de maio.

A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 51,80/saco, enquanto os lotes se mantiveram em R\$ 66,00/saco. No Paraná, o balcão ficou entre R\$ 61,00 e R\$ 63,00/saco, enquanto os lotes se mantiveram entre R\$ 75,00 e R\$ 78,00/saco. E em Santa Catarina, o balcão se manteve em R\$ 55,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, fecharam a semana em R\$ 66,00.

Dito isso, a revalorização do Real, que veio a R\$ 5,06 em alguns momentos da semana pressionam para baixo o preço interno do cereal, pois através dela o produto importado fica mais barato em moeda nacional.

Assim, o quadro de preços interno ficará na dependência do clima sobre as lavouras nacionais, contando com o atraso no plantio, e do comportamento cambial, agora na direção de uma importante revalorização do Real.

Quanto ao plantio, a Argentina indicava 13% da área semeada no início da corrente semana, enquanto no Paraná o mesmo atingia a 77% da área esperada e no Rio Grande do Sul algo em torno de 15%. No conjunto há expectativa de um aumento de área em relação ao ano anterior.

A semana terminou com a comercialização do cereal em ritmo lento, mesmo porque praticamente não há produto de qualidade superior disponível no mercado interno brasileiro.